

## FOUCAULT E NIETZSCHE: A GENEALOGIA, A MORAL E A HISTÓRIA

Celso de Jesus Silva<sup>1</sup>  
Haroldo Cajazeiras<sup>2</sup>

**RESUMO:** *Este trabalho objetiva a examinar as principais noções contidas no texto Nietzsche, a Genealogia, a História, do filósofo francês Michel Foucault. A apropriação que este faz das noções do filósofo alemão é inovadora. Ao interpretar Nietzsche, Foucault faz uma leitura do presente mostrando como a história é construída por acidentes, por discontinuidades as quais permitem identificar aquilo que de baixo reside no começo (origem) da história, da moral e dos valores. A compreensão do pensamento de Foucault e as implicações de suas conclusões no bojo das estruturas do pensamento atual, tem motivado estudiosos e pesquisadores a se debruçarem sobre seus inúmeros escritos na tentativa de traçar as estruturas, homogeneidade e relevância do seu pensamento. Esse trabalho se insere, nessa perspectiva, como mais uma contribuição para o debate filosófico atual sobre essas noções aqui rapidamente esboçadas.*

**Palavras-chave:** Genealogia; História; Nietzsche.

Foucault, no texto *Nietzsche, a genealogia, a história*, esboça o conceito de genealogia nietzschiano, o qual serviu de base para a fundamentação de sua própria análise genealógica. É notório o uso que o filósofo faz do pensamento de Nietzsche e a interpretação que o levou a formular uma genealogia do poder. No texto acima citado, há uma constante referência a concepção nietzschiana de genealogia, de sentido histórico, do problema da moral e da verdade. Essa genealogia coloca sob questão a estreita relação da possibilidade de um conhecimento verdadeiro acerca das coisas, a idéia de verdade, e valoriza as configurações dos acontecimentos fincados numa época determinada, em um espaço de tempo específico. De início, Foucault nos propõe que a finalidade da genealogia é trabalhar com aquilo que não é histórico e encontrar as lacunas, as discontinuidades, da história, opondo-se, dessa forma, à metafísica enquanto pesquisa da origem. Mas oposição a qual origem? O filósofo traçará, filologicamente, o sentido da palavra (origem) em Nietzsche, sentido que passa por diversas apropriações, as quais conservam sentidos e significados próprios e revelam o caminho das pesquisas genealógicas. Foucault começará a desenvolver esse esboço delimitando os três significados do termo origem, que são definidos pelas seguintes idéias: 1. sob o viés histórico e não metafísico, nesse a origem das coisas não está na pureza, na essência exata de uma origem, mas sim na discórdia, no disparate, em seu “carnaval”. 2. Não há solenidade na origem, como nos faz crer a metafísica, toda origem é baixa. 3. Rejeitando a verdade (ou a origem como verdade) como um fim último, uma vez que esta se trata somente de um erro que não pode ser refutado.

- **Objetos do estudo genealógico:**
  1. Poder e disciplina.
  2. Sexualidade e moral.
  3. Saber.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica do Salvador - UCSAL e mestrando em Filosofia Contemporânea pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. [c.inae@ig.com.br](mailto:c.inae@ig.com.br)

<sup>2</sup> Orientador – Mestre em Filosofia, Professor da Universidade Católica do Salvador - UCSAL.

4. Governo.
5. História.

1ª. O que esperar da genealogia? Marcar a singularidade dos acontecimentos, buscar acontecimentos naquilo que era tido como destituído de história, definir as lacunas – o momento em que não aconteceram. A genealogia é a sua própria história: acontecimentos no teatro dos procedimentos. Na genealogia Nietzsche não quer fazer a pergunta que os metafísicos fizeram: que é que? Mas: quem é que? Ele inverte o conceito de genealogia como origem, o seu objetivo não é a busca de uma origem enquanto acontecimento inicial, mas de uma “origem” já dada, ou seja, uma origem construída por fatos nada soberanos. O que a pesquisa genealógica exige? Minúcia, paciência, obstinação na erudição. Ao que ela opõe? Ao desdobramento meta-histórico das significações ideais, às teleologias, à pesquisa de origem enquanto *URSPRUNG*.

2ª. A origem enquanto *Ursprung* é recusada porque se esforça em reconhecer a essência exata de cada coisa, tenta achar uma identidade primeira, sua forma imóvel anterior ao acidental. A proposta foucaultiana de genealogia implica em encontrar:

→ O que há por trás das coisas?

→ O segredo de que elas não têm essência.

Para Nietzsche, o que se encontra no começo histórico das coisas é seu dispositivo, o derrisório, o exagero metafísico. “O começo histórico é sempre baixo” (FOUCAULT, 2006, 263). Nietzsche se opõe: a) ao postulado da origem enquanto identidade; b) ao postulado da origem enquanto essência; c) ao postulado da origem enquanto lugar da verdade, porque essa (a verdade) é um erro.

3ª. *HERKUNFT* – enquanto proveniência – busca na origem as multiplicidades, os acontecimentos perdidos... descobre na raiz daquilo que somos não numa verdade mas a “exterioridade do acidente”. A pesquisa de *Herkunft* (proveniência) agita o que se percebia como imóvel. Ela fragmenta aquilo que se percebia unido. Trata-se de uma rede de significados formadoras de um tronco, rede essa que seria uma dissociação do Eu, a pesquisa de proveniência revela que na origem não está a pureza, mas o acidente, a descontinuidade. Foucault associa também a *Herkunft* ao corpo, na forma de marcas e hábitos que foram deixados pelos ancestrais, articulando assim o corpo com a história a qual inscreveria no corpo a marca dos acontecimentos.

A proveniência diz respeito ao corpo. O corpo é o lugar de *Herkunft* porque sobre o corpo nascem os desejos e os erros. A história marca o corpo. A genealogia enquanto *Herkunft* está no ponto de articulação do corpo com a história. O corpo marcado de história; a história arruína o corpo. Foucault aponta para o fato da proveniência pertencer ao historiador tradicional muito próximo da demagogia ateniense e sua emergência no século XX, século de fraqueza de forças por excelência, para o surgimento dessa história tradicional. E assim como Platão tentou fazer com a filosofia de Sócrates, Foucault propõe que se tente tomar a força da história tradicional, despedaçá-la para que se transforme em história genealógica.

4ª. *ENTESTEHUNG* – designa emergência, o ponto primeiro de surgimento, não como potência antecipadora de um sentido, mas como jogo casual das denominações. Emergência é a entrada em cena de forças ou lugar de confronto entre adversários que não pertencem a um mesmo espaço. Ex.: o que é a guerra? A reativação da dominação, a colocação em cena de uma violência meticulosamente repetida (FOUCAULT, 2006, p. 297). Lugar onde ocorre a efetivação das regras: a violência se instaura num sistema de regras e prossegue de dominação em dominação.

Para que as regras? Para servir a isto ou aquilo... interpretar é se apoderar de um sistema de regras que não tem uma significação essencial e na medida em que o devir da humanidade é a entrada em cena de novas regras, o devir não é nada mais que uma série de interpretações. A genealogia investiga:

- a) a historização das categorias e o fim de toda referência ao universal.
- b) relacionar os discursos às suas condições concretas de produção.

A genealogia não se opõe a História, mas a um tipo específico de historicidade.

● Os dois principais tipos de historicidade:

1. O historicismo racionalista de tipo hegeliano (dar a razão o devir).
2. O historicismo nietzschiano-heideggeriano (categorias históricas – recusa à idéia de desenvolvimento contínuo).

Não se pode dizer como surgiu algo, qualquer ocorrência no meio de seu caminhar, quando chega a esse ponto, já chega recheada de fatos, o que impossibilita determinar seu ponto primeiro. Se pegarmos algo e o escorarmos na metafísica, passa-se a acreditar, por exemplo, que o mundo atual vem por um destino já dado, que fora previamente traçado.

O aparecimento das coisas sempre se dá em uma determinada conjuntura de forças. Nesse momento cabe utilizar a análise no sentido de *Herkunft* (origem de preconceitos morais, origem moralidade, da justiça, do castigo, que favorece a formação do tronco de uma raça e suas marcas sutis). Exemplificamos a luta do animal humano pela sobrevivência, ele se estabelece com o fim de se eternizar e consegue. Assim, surge a individualidade de cada um dentro da própria espécie. Essa individualidade aparecerá em um outro contexto menos agressivo. Vejamos o exemplo do egoísmo em *Além do Bem e do Mal*, § 262. Aqui Nietzsche faz uma alusão ao homem em sua sobrevivência, na qual está permeado pelas teorias darwinistas. O homem se sobrepõe às outras espécies e alguns deles sobre a própria. O exemplo dado por Nietzsche é do afloramento do egoísmo comparando-o a uma disputa pela luz numa floresta tropical. Nesse aspecto o homem atinge um ponto perigoso, o qual ultrapassa a moral antiga e precisa de uma legislação (que são as artes e astúcias para autopreservação, auto-elevação e auto-redenção).

Quando a vida revela a finitude – a velhice e as doenças são bons exemplos – o homem acaba percebendo que, como ele, tudo é finito e o que sobra é uma espécie de homem medíocre que leva a espécie em frente e mostra o discurso dessa mediocridade que, por outro lado, não pode se mostrar claramente e não poderá desnudar sua situação irônica, com isso terá de falar de amor, dignidade, etc. Essa força (egoísmo), luta com ele (com o homem) mesmo e se divide, não só na luta vitoriosa, mas também no enfraquecimento. Nesse segundo caso surge o ascetismo, que fará transformar os defeitos em qualidades para a manutenção do poder e para a realização da vida num outro plano.

No aforismo 28 da terceira dissertação da *Genealogia da Moral*, Nietzsche declara que o ideal ascético não tem finalidade e objetivo por não se saber o porquê da existência do homem, e com isso salva a vontade. “O homem prefere a vontade do nada ao nada da vontade”.

Foucault interpreta Nietzsche no que concerne ao uso do termo *Entstehungsherd* (ponto de emergência, de surgimento). Nesse sentido, onde aflora o “bom”, não é pela energia dos fortes ou reação dos fracos, mas o campo de oposições. Foucault compara a proveniência, que é qualidade, grau (desfalecimento) de um instinto e a marca deixada em um corpo, com emergência (lugar de afrontamento). Ressalta ainda o filósofo que este não é um campo fechado e adversário estão em igualdade de condições, o lugar de onde sai a emergência pode ser bom ou mau, não dá para saber se o vitorioso foi bem ou mal, o fato é que a emergência vem desse espaço, desse palco de dominadores e dominados onde surgem as diferenças de valores.

No aforismo 260 de *Para Além do Bem e do Mal*, Nietzsche esboça as diferenças conceituais entre bom e mau na visão do Senhor e do escravo, em várias épocas como na Grécia e na Europa. O bom e mal são também ilustrados por sagas escandinavas que valorizam a dureza de coração no nobre. Nesses, a fé tem a finalidade de evocar os ancestrais para se manterem. Nietzsche ainda mostra como é a moral dos homens de idéias modernas que crêem mais no progresso e no que virá do que na moral de respeito aos idosos (que mantêm a nobreza).

Na segunda dissertação da *Genealogia da Moral* § 12, Nietzsche chama atenção a duas palavras acerca da origem e da finalidade do castigo que muitas vezes são confundidas. Os genealogistas da moral usam o castigo com um fim qualquer (vingança ou intimidação), mas adverte ele: “não se pode aplicar penalidades posteriormente elaboradas a história das origens”, com isso ele está ressaltando que origem e finalidade são pontos separados. Os fatos no mundo orgânico estão ligados às idéias de subjugar, de dominar e isso equivale a acomodação de coisas novas a fins. O castigo antes era para punir, mas o fim e utilidade são apenas indícios que a vontade poderosa subjogou outro menos potente e deu nova finalidade, com isso, toda história de qualquer “coisa”, “costume”, pode ser uma cadeia interrompida de interpretações e aplicações sempre novas, e que as causas não estejam ligadas entre si. Para Foucault, é nesse cenário que surgem as classes e das classes a idéia de liberdade onde “homens se apoderam das coisas de que têm necessidade para viver, impondo-lhes uma duração que elas não têm, ou eles as assimilam pela força, e é o nascimento da lógica” (FOUCAULT, 2006, 269).

No aforismo 111 da *Gaia Ciência* esse lógica surge na cabeça do homem pela não lógica, que no mundo primitivo era comum. Os que não percebiam similitude se extinguíam, porque tiveram diminuídas suas chances de duração (alimentação, animais hostis, etc). O impulso lógico leva a tratar coisas semelhantes como iguais. A lógica atual em nós é um processo, luta dos instintos, ilógico e injusto. Percebemos rapidamente em nós o resultado dessa luta, que é um mecanismo antigo e oculto. Segundo Foucault, a relação de dominação não é mais relação nem o lugar onde ela ocorre é lugar, por isso, a dominação acontece não em lugar, ao contrário, ela acontece em rituais e pede obrigações e direitos que possuem procedimentos próprios.

Na segunda dissertação da *Genealogia da Moral* § 6 onde se lê “(...) falta consciência, dever tem sua emergência no direito de obrigação e em seus começos, como tudo o que é grande sobre a terra, foi banhado pelo sangue”. Para Nietzsche, a dor compensa as dívidas porque o fazer sofrer causa prazer à parte ofendida e alimenta a intensidade de acordo com o nível social. O filósofo indaga: “como é que o fazer sofrer pode ser uma reparação”? E conseqüentemente responde: “hoje nos repugna, em nossa delicadeza hipócrita, ser a crueldade o gozo favorito da humanidade primitiva”. Se olharmos bem, talvez vejamos no homem atual vestígios da humanidade primitiva, a qual ele aludiu em *Para Além do Bem e do Mal* e anteriormente em *Aurora*, onde Nietzsche mostra a espiritualização e divinização progressiva da crueldade que deixou marcas na cultura superior (do homem) e ousa dizer que aí está sua origem. O filósofo encerra o parágrafo mencionado afirmando:

Ver sofrer alegre: fazer sofrer alegre mais ainda, há nisso uma antiga verdade ‘humana demasiada humana’, a qual, talvez, subscrevessem os macacos porque, de fato, diz-se que com a invenção de certas bizarras crueldades anunciavam já o homem e precediam sua vinda. Sem crueldade não há gozo, eis o que nos ensina a mais antiga e remota história do homem, o castigo é uma festa (NIETZSCHE, 2006, § 6).

Segundo Foucault, a humanidade não fez uma progressão para chegar num ponto de equilíbrio ideal, mas a cada final de guerra instala sua violência sob a égide de um sistema de regras (contrário ao sistema hegeliano no qual a razão se instala pela história). As regras são

feitas para servir, mas podem ser subvertidas. O grande jogo é se apoderar das regras e manipulá-las a seu modo, até contra quem as estabeleceu, mesmo que para tal seja necessário se infiltrar no aparelho e fazer com que tal aparelho se volte contra quem ditou as referidas regras.

A emergência (*Entstehung*), sem tomá-la por ponto final, mas como não-lugar onde as forças se colocam em combate, revelando seu jogo de dominação, dominação essa que se expõe através de regras impostas pelos dominadores aos dominados. Foucault põe a questão das regras em si não dizerem nada, mas permitirem fazer violência, então será dominador aquele que subverter as regras e fazer violência a violência, perverter o próprio sistema de regras impondo assim a condição de dominador. As emergências não são seqüências e se mascaram em muitos disfarces para emergir. Interpretar era colocar em foco o significado o culto, então, esse era o papel da metafísica.

Se interpretar fosse focalizar lentamente uma significação na origem, apenas a metafísica poderia interpretar o devir da humanidade. Mas se interpretar é apoderar-se, pela violência ou sub-recepção, de um sistema de regras que não tem em si a significação essencial e impor-lhe uma direção, dobra-lo a uma nova vontade, faze-lo entrar no jogo e submetê-lo a novas regras, então o devir da humanidade é uma série de interpretações. E a genealogia deve ser a sua história: história das morais, dos ideais, dos conceitos metafísicos, história do conceito de liberdade ou da vida ascética, como emergências de diferentes interpretações. Trata-se de fazê-las surgir como acontecimentos no teatro dos procedimentos (FOUCAULT, 2006, p. 270).

5ª. Qual a relação entre genealogia (enquanto pesquisa de *Herkunft* e *Enetstehung*) e a história? A genealogia é tida por Nietzsche como a *WIRKLICHE*. Ele critica a forma histórica que supõe um ponto de vista supra-histórico e um julgamento que segue uma objetividade apocalíptica. Como o sentido histórico pode escapar da metafísica e tornar-se instrumento privilegiado da genealogia? O que Foucault – através de Nietzsche – critica na história de tipo racionalista ou teleológica é sua tentativa de dissolver todo acontecimento singular numa continuidade ideal. Foucault diferencia duas interpretações de devir para a humanidade: 1. do ponto de vista metafísico seria colocar em foco uma significação oculta na origem das coisas, 2. já numa interpretação genealógica, o devir da humanidade é uma série de interpretações, de regras que foram subvertidas e usadas ao contrário, criando assim uma história que analisaria a emergência de interpretações distintas.

Fazendo uma relação da história tradicional e a história genealógica, Foucault mostra as críticas de Nietzsche ao sentido supra-histórico que se apóia sobre absolutos e considera o sentido histórico como ideal para a genealogia trabalhar aquele que não se apóia sobre nenhuma absoluto, mas trabalha em perspectiva dissociando o que antes se achava puro e reintroduzindo o absoluto no devir, acreditando assim na inconstância do ser humano. Há, então, um resgate do conceito de “história efetiva”, que passara a se opor ao conceito de história tradicional demonstrando que a história efetiva trabalha com a singularidade do acontecimento colocando-o sob o domínio do acaso e fruto de uma inversão, de uma dominação de forças. A *Wirkliche* (história efetiva) faz ressurgir o acontecimento naquilo que ele pode ter de único. Na “história efetiva” não há nem proveniência nem causa final, mas somente “as mãos de ferro da necessidade que sacode o corpo de dados do acaso” (FOUCAULT, 2006, p. 273). A “história efetiva” não teme ser um saber perspectivo. Ela não esconde que olha de um determinado ângulo, e não esconde o partido que toma o incontrolável de sua paixão.

6ª. Sobre a genealogia comum da história e a dos historiadores seu começo é impuro e misturado. Sobre a *Herkunft* do historiador: “tudo deve compreender sem distinção (...) os

próprios historiadores acham nisso um mérito, todavia, ele reduz tudo ao mais fraco denominador” (FOUCAULT, 2006, p. 275). A história vem da plebe e a ela deve se dirigir. Foucault propõe nos apoderarmos da história “despedaçada” ao invés de fundar uma filosofia da história. A forma do sentido histórico compete, em análises gerais, libertar-se da história supra-histórica.

7ª. O Sentido Histórico comporta três usos que se opõe às modalidades platônicas:

1. Paróico e destruidor da realidade: que se opõe ao tema da história-reminiscência ou reconhecimento.
2. Uso dissociativo e destruidor da identidade: o qual se opõe a história-continuidade ou tradição.
3. Sacrificial e destruidor da verdade: que se opõe a história-conhecimento, libertando-a do modelo metafísico e antropológico da memória. Libertar a história de seu uso metafísico. Mostrando que realidade é construída por máscaras.

Uma genealogia racionalista que se inspira num modelo fornecido pelo hegelianismo, na medida em que a Fenomenologia do Espírito consiste exatamente em explicar as diferentes figuras da consciência considerando suas origens (o processo histórico é determinado pela razão sendo ele o desenvolvimento da própria razão); e a genealogia se efetua, em termos de verdade, cada figura da consciência encontra, em última instância, uma justificativa final no saber absoluto. A genealogia nietzschiana, oposta a essa, serviu de modelo para Foucault e também, em parte, à psicanálise. Nessa, procede a genealogia de uma interpretação analítica, porém a noção de genealogia em Nietzsche mostra que “não há fatos, há apenas interpretação” (perspectivismo); isso provoca um deslocamento da noção de sujeito do conhecimento e um deslocamento na perspectiva hegeliana de história. Não existe, em Nietzsche, uma verdade última sobre as coisas, não se chega à posição originária de um significado, essa posição é também aceita por Foucault.

Em comum a Nietzsche, a genealogia de Foucault rejeita qualquer interpretação histórica em termos de processos lineares ou orientados para um fim ideal. A diferença entre uma genealogia e outra é que Nietzsche está na região moral e Foucault, além da região moral, está na região do poder e do saber. No entanto, a genealogia de ambos descarta a noção de uma gênese “divina”, primordial, dos valores, da moral e da história, elas buscam a gênese de um discurso através da história, não uma gênese suprema, mas várias gêneses que se alternam pela história em épocas diferentes e que surgem de pobres acontecimentos. Contudo, Nietzsche pensa a genealogia ao nível da moral e seguindo três caminhos: 1) a origem da dicotomia de valores a partir da separação entre a “moral dos senhores” e a “moral dos escravos” e na separação entre “bem” e “mal”; 2) o aparecimento da consciência de culpa e a repressão dos instintos comuns à vida em sociedade (af. 4 da *Gaia Ciência*); e por último, 3) a invenção de um mundo “verdadeiro” (céu) que para ser alcançado requer a desqualificação do mundo empírico, (af. 151 da *Gaia Ciência* e af. 9, *H. D. Humano*). A própria *Genealogia da Moral* – refiro-me à obra – é dividida em três dissertações, são elas: a) a dicotomia dos valores; b) a formação da consciência ressentida que está também ligada à tríade pecado-culpa-castigo; e c) uma severa crítica ao ascetismo. Para Nietzsche, a genealogia explica as etapas das noções de bem e mal, o ressentimento, a consciência de culpa (momento em que as formas negativas se interiorizam e dizem-se culpados voltando contra si mesmo e querendo castigo); o ideal ascético (momento de sublimação do sofrimento e de negação da vida terrena em vista de “outra vida melhor”) e a rejeição a qualquer interpretação em termos de progresso linear da história e da origem suprema dos valores.

→ No projeto genealógico o mais importante é encontrar os arranjos da história, não se quer decifrar o verdadeiro e sim perceber os arranjos de verdade nela contidos.

Por fim, Foucault conclui acenando o que seriam as suas categorias de análises, fundamentando-as nas análises de Nietzsche. Nesse âmbito, “a veneração aos antigos monumentos transforma-se na história como paródia (carnaval); o respeito as antigas continuidades transforma-se na dissolução sistemática do Eu (como resgate da individualidade); e, por fim, a crítica às injustiças do passado transformam-se em sacrifício do sujeito de conhecimento”. Entender essa pesquisa genealógica implica em identificar uma nova proposta que se insinua, cercar, delimitar, conhecer, entender e interpretar os acontecimentos históricos, assim como reconhecer as bases de uma crítica à racionalidade ou a possibilidade de um acontecimento absoluto.

## REFERÊNCIA

DREYFUS, H. e RABINOW *Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica para Além do Estruturalismo e da Hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. Forense Universitária. Rio de Janeiro: 1995.

Michel Foucault. *Nietzsche, a Genealogia, a História. in, Ditos e escritos. Vol. II*. Tradução de Elisa Monteiro. Forense Universitária. Rio de Janeiro: 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: Uma Polêmica*. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras, São Paulo: 2006.

\_\_\_\_\_. *Humano, Demasiado Humano – Um Livro para Espíritos Livres*. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia da Letras, São Paulo: 2005.

\_\_\_\_\_. *Aurora – reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução de Paulo César de Souza. Cia das Letras, São Paulo: 2006.

\_\_\_\_\_. *Para Além do Bem e do Mal – prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia de Bolso, São Paulo: 2006.